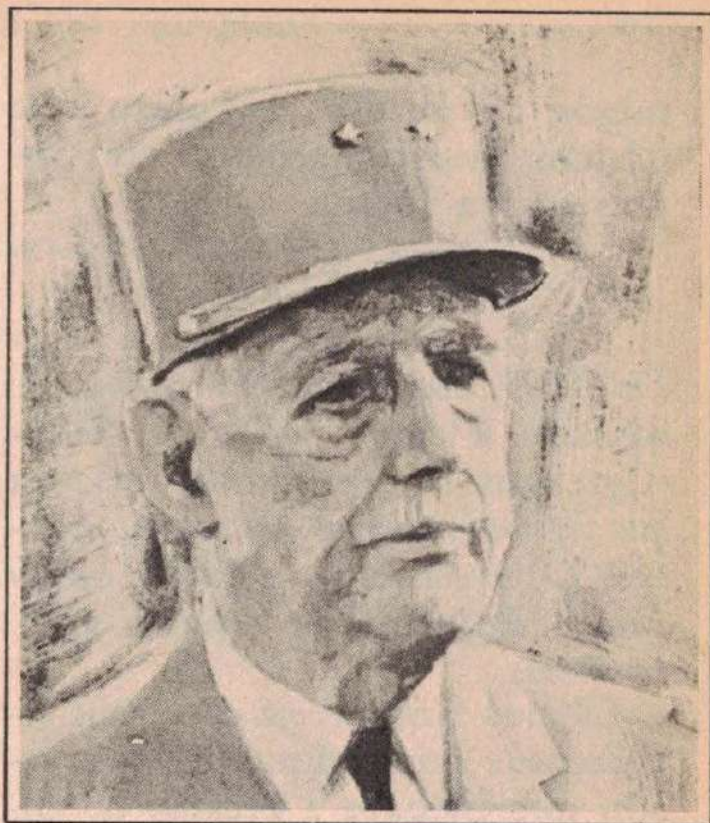


De Gaulle: o homem por detrás da lenda



Charles André Joseph Marie de Gaulle, o mais importante líder francês desde Napoleão, nasceu em Lille, perto da fronteira franco-belga, a 22 de novembro de 1890. Faleceu a 9 de novembro de 1970, no seu querido retiro de Colombey-les-Deux-Eglises, 215 quilômetros a leste de Paris. Das pessoas que conheceram De Gaulle, diz-se que cerca de metade pensavam que ele era um gênio; a outra metade, um megalômano. De Gaulle era orgulhoso, hipersensível e arrogante, mas tinha extraordinário patriotismo, coragem e visão. Em 1940, após a queda da França, achou que os franceses deviam continuar lutando contra a Alemanha nazista e tornou-se um símbolo da sua resistência. Nos anos do pós-guerra, achou que a França devia ter uma nova constituição que desse poder real ao presidente; e, em 1958, nasceu a Quinta República. De Gaulle também pressentiu o fim da era colonial para a França e, apesar de feroz oposição, deu independência à Argélia e às outras colônias da França.

De Gaulle destacou-se de todos os franceses de sua época. Eis como, em nível mais pessoal, surge sua figura nesta série de depoimentos reunidos por Don Wharton, redator itinerante do *Reader's Digest*.

QUANDO menino, era precoce e dominador. Treinava a memória aprendendo textos de livros de trás para diante e fazia os irmãos dizer «siaçnarf» (a palavra «francês», ao contrário).

Segundo seu pai, aos cinco anos já sabia como era uma campanha militar. Qualquer que fosse a «guerra» em que tomassem parte, Xavier, Jacques e Pierre (seus irmãos) tinham de representar ini-

migos ou aliados, ao passo que Charles insistia sempre em representar a França.

— Pierre Galante e Aidan Crawley, biógrafos de De Gaulle

Em 1909, De Gaulle fez exame de admissão à escola militar de Saint-Cyr, mas os regulamentos exigiam que servisse primeiro um ano no exército. O jovem recruta solitário entrou para o Regimento de Infantaria 33, em Arras.

Ele nos fazia inveja com seus cigarros de ponta dourada, mas assim que chegava a ocasião de engraxar os sapatos ou de polir os galões, era um desastre. Quando perguntaram ao comandante da companhia por que motivo o cabo De Gaulle jamais conseguira passar a sargento, ele respondeu: «Que vantagem haveria nisso? Ele só estava interessado em ser comandante-chefe.»

— Etienne Repesse, soldado no regimento de De Gaulle

Em 1916, na batalha de Verdun, o Capitão De Gaulle foi atingido numa coxa e feito prisioneiro enquanto estava inconsciente. Seu coronel pensou que o capitão tinha morrido, e o General Henri Pétain (comandante francês em Verdun, mais tarde Marechal de França) citou De Gaulle a título póstumo como «oficial sem igual em todos os sentidos». Depois do armistício de 1918, De Gaulle serviu na Polônia como instrutor militar, e ali tomou parte na guerra contra o exército soviético. Em 1921, com 31 anos, ca-

sou com Yvonne Vendroux, filha de um rico fabricante de biscoitos de Calais.

Oficial muito inteligente, muito bem dotado. Infelizmente, estraga incontestáveis qualidades por uma excessiva autoconfiança, severidade para com as opiniões alheias e a atitude de considerar-se um rei no exílio.

— Notas sobre De Gaulle aos 34 anos, em sua ficha individual na Escola de Guerra Francesa, por um dos seus professores

Nomeado comandante de regimento em Metz, em 1937, o Coronel De Gaulle conservou ali a tradição de luvas brancas de Saint-Cyr. No entanto, ao contrário dos cadetes de Saint-Cyr, que as usavam apenas em paradas e visitas sociais, ele punha as suas constantemente e as mudava três vezes por dia. Yvonne passava quase todo o tempo lavando luvas brancas e estendendo-as para secar em formas com o feitio de mãos.

— Pierre Galante, biógrafo

Os De Gaulles tiveram três filhos (Philippe, Elizabeth e Anne), esta última nascida anômala depois de Madame De Gaulle ter sofrido um desastre de automóvel em 1928.

Para Anne, e só para ela, o austero e arrogante oficial esquecia sua dignidade, dançando e batendo nas coxas, cantando canções populares e permitindo que a filha brincasse com seu quepe. Pouco antes de fazer 20 anos, Anne morreu de pneumonia. À beira da sua sepultura, após uns momentos de lá-

grimas e de silêncio, De Gaulle pegou na mão de Yvonne e disse: «Venha. Agora ela é como os outros.»

— Brian Crozier, biógrafo

Depois que os alemães invadiram a França, em 1940, De Gaulle comandou três batalhões de tanques em ações localmente bem sucedidas, e foi então nomeado Subsecretário da Guerra no governo francês prestes a soçobrar. Recusando aceitar a derrota, voou para a Grã-Bretanha a fim de organizar uma força de Franceses Livres e continuar a guerra a partir dali.

Dominava todos os outros pela sua altura (1,95 m). De queixo pequeno, com longo nariz pendente, elefantino, por cima de um bigode cortado curto, boca pequena, testa alta, fugidia, e cabeça pontiaguda, coberta de cabelo preto, esparsos, penteado grudado e partido ao meio. Ao falar, oscilava ligeiramente a cabeça, como um pêndulo, enquanto procurava se recordar das palavras.

— General-de-divisão Sir Edward Spears, emissário pessoal de Winston Churchill junto dos Franceses Livres

Ele tinha de ser ríspido para com os britânicos, a fim de provar aos olhos dos franceses que não era um fantoche dos ingleses. Eu o compreendia e o admirava, embora sua atitude arrogante me irritasse. Sempre, mesmo quando se portava pior, parecia exprimir a personalidade da França, uma grande nação, com todo o seu orgulho, autoridade e ambição.

— Winston Churchill

O General Eisenhower desembarcou na Normandia e às primeiras horas da manhã de 14 de Junho de 1944 Charles de Gaulle regressou à França. Quando desembarcava, um ajudante-de-campo observou: «Lembra-se, *mon général*, que hoje é o aniversário da entrada dos alemães em Paris?»

Durante um momento, o general olhou-o fixamente, em silêncio. Depois, com um clarão frio no olhar, replicou: «Eles cometeram um erro.»

— Pierre Galante

A 25 de agosto de 1944, De Gaulle fez uma entrada triunfal em Paris. Presidiu o governo francês até se demitir em 1946. Na maior parte da década seguinte, viveu isolado, escrevendo a mão sua memórias. Em 1958, com a França profundamente dividida por lutas internas provocadas pela guerra da Argélia, De Gaulle regressou à vida pública e foi eleito primeiro Presidente da Quinta República, com mais poder do que qualquer outro francês deste século. No Eliseu, palácio presidencial em Paris, De Gaulle viveu uma existência quase de rei, mas seus gostos pessoais eram simples.

Todos os sábados, o general entra em seu Citroën preto e é conduzido a Colombey, a 130 quilômetros por hora. Sentado junto a Madame De Gaulle, impaciente e nervoso, bate na divisória de vidro que o separa do motorista, insistindo: «Não vamos levar o dia todo nisto. Ande mais rápido. Estou com pressa.»

— Pierre Vianson-Ponté, articulista francês

SOZINHO, sentado a uma mesa de jogo na sala de estar, faz paciências e mais paciências. Joga para ganhar. Quando a sorte lhe é adversa, De Gaulle trapaceia. Um militar *tem* de ganhar. — J. R. Tournoux

O general tem bastante apetite e sua esposa com frequência cruza os dedos sobre o prato, sinal para parar que ele respeita imediatamente. Antes de ir para a mesa, De Gaulle atravessa a ante-sala, onde se encontram os pequenos presentes que recebe de toda parte. Escolhe caixas de chocolates e de fruta cristalizada que lhe são mandadas por aqueles que conhecem o seu fraco. Coloca os objetos escolhidos junto do prato e, enquanto espera que o sirvam, rasga os pacotes e come rapidamente vários pedaços. — Jacques de Launay

Um prefeito perguntou que bebidas devia servir ao general, e o ministro respondeu: «Uísque, se Madame De Gaulle não estiver presente. Se estiver, suco de frutas.»

Mais tarde, quando Madame De Gaulle saiu da sala, o prefeito perguntou a De Gaulle se queria um uísque. «Sem dúvida!», disse o general rapidamente. — Pierre Galante

Quando começou a era da televisão, De Gaulle ensaiava sozinho durante longas horas. Um ator da Comédie Française dava-lhe lições particulares a respeito dos gestos que produzem mais efeito quando

vistos numa tela pequena. De Gaulle treinava diante de um espelho.

— Aidan Crawley

Entre 1944 e 1966, houve 31 atentados contra a vida de Charles de Gaulle, provavelmente um *récorde* para um chefe de Estado. Nenhum foi mais dramático do que a emboscada com três carros, armada em 1962 por um fanático oficial do exército, o Tenente-coronel Jean-Marie Bastien-Thiry. De Gaulle só foi salvo dos tiros de metralhadora pela perícia do motorista e por seu genro, Coronel De Boissieu, que, um segundo antes de as balas atingirem o carro, gritou: «*Abaixe-se, pelo amor de Deus!*»

Só depois que o avião decolou é que o presidente deixou transparecer seus sentimentos. «A operação deles foi mal organizada», disse a De Boissieu. «Os tiros falharam, mas eu o felicito; no momento crítico, sua voz soou como uma ordem.» De súbito, ante a surpresa geral, abraçou o genro e o beijou.

— Patrick Nicholson, no *Sunday Times Magazine*, falando de Target De Gaulle por Christian Plume e Pierre Démaret

De Gaulle usava linguagem pomposa, mas era também mestre do vernáculo. No auge das restrições alimentares do pós-guerra, disse uma vez: «Não libertei a França para me preocupar com as rações de macarrão.» De outra feita, perguntou: «Como é possível governar um país que produz 265 qualidades de queijo?»

Ele não é contra a Pílula, desde que seja usada para regular a nata-

lidade e não para evitá-la, mas é claro que não vai financiar o uso da Pílula com os fundos de assistência social da França. «Não lhes pagamos o cinema e o teatro. Por que lhes iríamos pagar qualquer outra distração?»

— Pierre Galante

Um dia, de seu programa constava passar alguns minutos na festa de Natal dos filhos dos empregados do Palácio do Eliseu. Teria sido mais simples ir à festa com o terno que tinha vestido — mas não. De Gaulle, que devia ir de casaca a uma recepção mais tarde, decidiu mudar de roupa outra vez e vestiu o uniforme. Para quê? Para que as crianças não ficassem desapontadas.

— Claude Dulong, esposa de um ministro de De Gaulle

De Gaulle tem uma quantidade de sobrinhos e sobrinhos-netos. Assim, além de receber no Eliseu seus cinco netos uma vez por semana, organiza um jantar para todos os outros, de vez em quando. Isto significa receber 50 a 60 convidados. Como sentar toda esta gente? De Gaulle encontrou a solução: o direito de prioridade seria determinado por sorteio.

As crianças acham isso divertidíssimo. Quando chegam, cada uma delas escreve seu nome num pedaço de papel, que dobra duas vezes e coloca numa salva de prata. A seguir, o próprio general tira a sorte. Pega ao acaso nos papéis dobrados e os coloca um após

outro em cada lugar. Depois disso, todas as crianças vão correndo procurar seus nomes e lugares. Nunca ninguém se sente prejudicado.

— Pierre Galante

Em 1964, De Gaulle sofreu bloqueio da próstata e teve de receber um dreno temporário a fim de poder fazer uma visita oficial ao México.

Na ocasião em que eu tinha acabado de instalar o dreno, De Gaulle sabia quase tanto sobre ele como eu. Disse-me que gostaria de conhecer o cirurgião que tinha inventado aquele tipo de dreno e felicitá-lo por isso. Respondi-lhe que devia ser difícil porque se tratava de um norte-americano. De Gaulle enrubescceu e replicou secamente: «Não diga que me pôs um dreno americano! Deus do Céu! Não existe um dreno francês?» Apressei-me a explicar-lhe que o dreno era fabricado em França sob licença, de modo que, na realidade, era francês. «Está bem», disse De Gaulle, «mas isso não basta. Devíamos ter o nosso próprio modelo. Doutor, eu não quero que se saiba que tenho dentro de mim um dreno americano. Considere isto um segredo de Estado.»

— Cirurgião de De Gaulle, citado pelo correspondente David Schoenbrun

O general tinha o hábito burguês da economia. Deve ter havido poucos chefes de Estado que, como ele, apagassem as luzes quando saíam de uma sala. Na

verdade, o que fascinava quem o conhecesse era a coexistência de dois homens em De Gaulle – um da velha geração, com seus hábitos e princípios, e um monumento histórico de que o outro era guardião. Estes dois homens por vezes se contradiziam inteiramente. O ancião econômico que apagava as luzes ao sair, quando lhe pediam que escolhesse entre vários objetos de arte para presentear um chefe de Estado estrangeiro, era capaz de responder: «O mais caro de todos!» Porque, num caso desses, era a França que dava o presente.

– Claude Dulong

De Gaulle morreu de repente em sua casa, La Boisserie, pouco depois das sete da noite, apenas 13 dias antes de fazer 80 anos. Iria ser sepultado numa campa modesta, no cemitério de Colombey-les-Deux-Eglises, sob uma laje de pedra branca, com a simples inscrição «Charles de Gaulle».

No dia nebuloso do funeral, apressei-me ao dobre dos sinos de Colombey. Ali, na multidão, por trás da guarda de honra de marinheiros que apresentavam armas, uma camponesa de xale preto gritava com sotaque da região: «Por que não me deixam passar? Ele dizia: *tudo mundo!*»

Toquei no ombro de um marinheiro. «Devia deixá-la passar. O general ficaria contente. Ela fala como a França.» O marinheiro voltou-se em silêncio e, embora

seus braços não se movessem, parecia apresentar armas a uma França prostrada e leal. A mulher, coxeando, dirigiu-se rapidamente para a igreja, seguida pelo ruído surdo do carro blindado que transportava o caixão.

– André Malraux, in *Quando os Robles se Abatem*, Editora Livros do Brasil, S. A. R. L., Rua dos Caetanos, 22, Lisboa

Agradecimentos: Aiden Crawley, *De Gaulle: A Biography*; Winston Churchill, *Their Finest Hour* (*The Second World War*, vol. II), Cassell & Co., Ltd., Londres; Brian Crozier, *De Gaulle*, copyright © 1973 de Brian Crozier; Jacques de Lau-nay, *De Gaulle et sa France* (Les Editions Arts et Voyages, Bruxelas); Claude Dulong, *La Vie quotidienne à l'Elysée au temps de Charles de Gaulle* (Hachette Littérature, edit.); Pierre Galante, *Le Général*, © Edit. Pierre Galante e Pierre Galante; André Malraux, *Les Chênes qu'on abat...* (Gallimard, edit.), publicado pela editora Livros do Brasil, S. A. R. L., Lisboa, com o título *Quando os Robles se Abatem*; Christian Plume e Pierre Démaret, *Target De Gaulle*; David Schoenbrun, *The Three Lives of Charles de Gaulle*, copyright de David Schoenbrun; General-de-divisão Sir Edward Spears, *Assignment to Catastrophe*; J.-R. Tournoux, *Le Mois de Mai du Général* e *La Tragédie du Général* (Plon, edit.); Pierre Viansson-Ponté, *Les Gaullistes* (Editions du Seuil).